

## **APAC Jardim Botânico Dec. 20939-01**

Um dos primeiros atos de D. João VI, após chegar ao Brasil em 1808, foi a desapropriação das terras do Capitão Rodrigo de Freitas, às margens da Lagoa de Sacopenapã, assim chamada a Lagoa Rodrigo de Freitas pelos índios Tupinambá, os primeiros habitantes da região.

Nas terras desapropriadas, o Príncipe Regente instalou uma fábrica de pólvora e, meses depois, um jardim de aclimação de plantas, o Horto Real, hoje Jardim Botânico. A fábrica foi transferida para a raiz da serra em 1831.

Embora a lagoa fosse insalubre e infestada de mosquitos, o clima ameno e a beleza da área montanhosa, situada longe do calor e do alvoroço urbano, atraíram a atenção da nobreza fluminense e européia, transformando-a num espaço cobiçado para moradia. Com o decorrer do tempo, surgiram nas proximidades do Jardim Botânico hotéis, restaurantes, clubes e associações. O próprio Jardim Botânico, aberto à visitação pública desde 1828, era o local preferido pelo público para reuniões sociais, passeios e piqueniques.

Em 1862, o Barão de Mauá criou a Companhia de Carris de Ferro do Jardim Botânico, expandindo o transporte coletivo na cidade. Esse fato e a implantação do sistema de abastecimento de água, esgotamento sanitário e eletricidade favoreceram o estabelecimento da indústria têxtil no bairro. Em 1884, instalou-se a Fábrica Corcovado e a Companhia de Fiação e Tecidos Carioca e sua vila operária, a Chácara do algodão.

Esta vila, edificada em 1889, constitui um valioso documento da história da indústria têxtil da Cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de um conjunto arquitetônico coeso, de rara harmonia e vitalidade, apresentando cantos, ângulos, perspectivas e recantos pitorescos.

No século XX, uma elite com acesso à cultura e valores cosmopolitas passou a procurar moradia nessa região, implementando formas de vivência semelhantes às da Europa. A valorização imobiliária fez surgir um bairro aristocrático, culminando com o fechamento das fábricas e a evasão da população operária.

A APAC do Jardim Botânico foi criada objetivando a manutenção da memória e da identidade local, representada por exemplares da sua ocupação na primeira metade do século XX. Forma um conjunto com outras áreas já criadas na região - o “Entorno do Jockey Club Brasileiro” (Decreto nº. 14898/96), “Entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas” (Decreto 9396/90), com trecho incluído em parte do Jardim Botânico e “Chácara do

Algodão” (Decreto nº. 7313/87) – para proteção e valorização do patrimônio cultural da cidade do Rio de Janeiro.